**Escala de Procrastinação Pura e Escala de Procrastinação Irracional: evidências de validade com adolescentes e relações com afetividade negativa e satisfação com vida**

O termo procrastinação é originário do latim *procrastinatus* e é definido como o ato de “deixar para depois”, trazendo como sinônimo adiar, diferir, pospor, retardar, protelar. Para Milgran, Mey-Tal e Levison, (1998) a procrastinação diz respeito ao comportamento de adiar o início ou a conclusão de um curso de ação ou de uma decisão planejada, podendo ser total ou parcial. Portanto, procrastinar implica em deixar para realizar depois algo que deveria ser feito naquele momento.

É considerada um fenômeno complexo, uma vez que não pode ser medida através da manifestação de um único comportamento. Isso quer dizer que vários fatores (internos e externos) podem estar envolvidos no comportamento procrastinatório (Grunschel, Patrzek, & Fries, 2013). Pychyl e Flett (2012) apontam uma complexa variedade de fatores que operam na procrastinação crônica, entre eles: motivacionais, afetivos, cognitivos e comportamentais. A procrastinação está presente em vários âmbitos da vida humana desde o ato de adiar tarefas acadêmicas, a consulta médica, a declaração do imposto de renda e até mesmo encontros afetivos.

Embora a procrastinação aconteça em situações e contextos variados, é no âmbito educacional que ela vem sendo mais explorada, devido às consequências negativas advindas desse comportamento, como: angústia com o passar do tempo, desconforto, impressão de desperdício e incompetência, sensação desagradável, nervosismo, culpa (Kerbauy, 2001).

Esta pesquisa teve como principal objetivo estimar as primeiras evidências de validade com base na estrutura interna, precisão para as Escalas de Procrastinação Pura e Procrastinação Irracional, além de relação com variáveis externas do DASS-21, Escala de Satisfação da Vida, junto a uma amostra de adolescentes provenientes da região nordeste do Brasil.